

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL COM PSICÓLOGAS DA ATENÇÃO BÁSICA DE MARINGÁ/PR

Bárbara Anzolin
Universidade Paranaense – UNIPAR, *campus* Umuarama-PR.

Murilo dos Santos Moscheta
Universidade Estadual de Maringá – UEM.

RESUMO

A Psicologia historicamente construiu suas práticas de forma normatizadora, classista e elitista, contribuindo para a patologização da diversidade sexual e de gênero. Mais contemporaneamente nós temos acompanhado a inserção da Psicologia em outros contextos de atuação, dentre eles as Políticas Públicas, e assimilando outros discursos, como o discurso de luta por direitos e despatologização das sexualidades dissidentes. A profissão não é homogênea e o cenário atual demanda de profissionais um posicionamento ético-político. Considerando este contexto, no presente trabalho buscamos analisar os sentidos construídos sobre diversidade sexual e suas implicações para o trabalho de psicólogas da Atenção Básica de Maringá/PR participantes de uma oficina para qualificação profissional para o trabalho com a população LGBT. A pesquisa incluiu dois encontros realizados no início de 2016, nos quais foram trabalhadas noções contemporâneas sobre gênero e sexualidade e recursos e desafios para a atuação com um grupo de 12 psicólogas. A análise destaca a multiplicidade de sentidos que atravessam o campo da produção do cuidado em Psicologia, originárias de diferentes campos de conhecimento. E os diferentes entendimentos reverberam em práticas ora conservadoras ora despatologizantes.

Palavras-chave: Diversidade Sexual; Psicologia; Construcionismo Social; Saúde Pública; Atenção Básica.

ALGUNS DISCURSOS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL

Entender a sexualidade humana e a diversidade sexual como construídas socialmente significa pensar que elas são produzidas e controladas por normas sociais, por padrões comportamentais e por diferentes discursos (Louro, 2008; Foucault, 1987/2015). Nesta pesquisa adotamos o uso do termo diversidade sexual

Realização:



Apoio:



para nos referirmos às possibilidades de orientação sexual e expressões de gênero diferentes da heterocisnormativa.

Entendemos que os diferentes discursos são construídos e reconstruídos ao longo do tempo por parte do Estado, das religiões, das ciências e dos movimentos sociais. Historicamente as práticas sexuais entre pessoas de mesmo gênero e as vivências transgêneros já foram descritas como pecado nefando (Vecchiatti, 2012), como crime (Moscheta, 2011), como desvio e patologia (Foucault, 1987/2015). E o processo de patologização destas vivências se deu à luz da racionalidade científica:

O fim do século XIX traz para a cena científica os trabalhos de Sigmund Freud e de sexólogos importantes como Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895), Magnus Hirschfeld (1868-1935) e Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) que retiram as práticas homoeróticas da cena criminal na qual estavam obscurecidas e a trazem para o campo 'iluminado' da ciência. Suas ideias, ao considerarem a sexualidade, um fenômeno "biológico" isento, portanto, de valores culturais, religiosos e/ou educacionais, contribuíram para a construção da identidade homossexual tal qual a conhecemos hoje (TEIXEIRA FILHO, 2011b, p. 49).

O que antes era visto como imoral, passou a ser tratado como patologia (Gimenes & Vieira, 2012) e controlado a partir de mecanismos biopolíticos (Foucault, 1987/2015). E a Psicologia também contribuiu com esta produção de patologias sexuais e com o desejo e procura por tratamento, naturalizando padrões de normalidade, categorias diagnósticas e terapêuticas de cura e reversão. Assim, atendeu a interesses políticos e econômicos e contribuiu fortemente para a produção e manutenção das normatividades (Borges, 2014). Mais recentemente temos a psicologia participando das lutas por despatologização e por direitos, organizadas principalmente pelos movimentos sociais de militância LGBT. A margem que se organiza no intuito de subverter a lógica normativa.

E nestas lutas a Psicologia tem se posicionado a favor da despatologização, ao lado dos grupos sociais oprimidos, ao menos em parte. Ressaltamos que é em parte porque não temos um discurso uníssono, a Psicologia é heterogênea. Podemos pensar que parte da Psicologia tem vivido uma crise epistemológica, em que ela olha para si e para suas produções e se repensa enquanto ciência diante dos questionamentos e novas propostas.

Realização:



Apoio:





A homossexualidade foi retirada do Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM) em 1973, foi retirada do Código Internacional de Doenças (CID) em 1990 (Moscheta, 2011), e desde 1999 nós temos vigente a resolução 001 de 1999 do Conselho Federal de Psicologia, que "estabelece normas de atuação para os[as] psicólogos[as] em relação à questão da Orientação Sexual" (Conselho Federal de Psicologia, 1999, p. 1). A resolução e outros documentos do CFP compõem um conjunto de materiais que norteiam as práticas profissionais a favor dos direitos humanos e sexuais. No entanto, temos profissionais que se recusam a entrar em crise, as construções patologizantes compõem um legado significativo de entendimentos e práticas psicológicas que reproduzem discursos patologizantes e conduzem atuações profissionais heteronormativas ainda hoje, em 2017.

É este cenário de multiplicidades que configura o campo da Psicologia. Aqui nos interessa principalmente os discursos voltados para a desconstrução dos efeitos prejudiciais que a ciência psicológica havia produzido e a construção de um outro lugar para a Psicologia, ao lado dos grupos marginalizados.

A PSICOLOGIA NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Destacamos que a psicologia se construiu enquanto ciência como um 'braço da medicina', trabalhando inicialmente apenas com o público elitizado em um processo higienista, 'ajustando' pessoas (Bock, 1999) no modelo clínico clássico, dentro da lógica patologizante. Posteriormente nós temos a inserção da profissão em outros espaços, como nas políticas públicas de saúde, na assistência social etc.

Desde o momento em que a psicologia entra no campo das políticas de saúde, ela começa a dialogar com as propostas do SUS e com os seus princípios de Universalidade, Equidade e Integralidade. Cria-se um contexto em que profissionais de psicologia que trabalham no SUS precisam pautar a sua prática em elementos que não são mais exclusivos da psicologia, mas também do serviço público.

Uma das propostas do SUS que norteiam esta pesquisa é a política nacional de atenção integral à saúde LGBT (Brasil, 2013) e a outra são as políticas de formação e desenvolvimento para o SUS (Brasil, 2003), as de formação continuada e educação permanente. Os documentos do SUS falam de uma postura com relação

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



ao público LGBT muito específica, garantindo direitos, acesso e respeito. Por isso, consideramos pertinente propor uma conversa em formato de oficina para psicólogas que trabalham na Atenção Básica.

TRAJETÓRIA DA PESQUISA

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os sentidos construídos sobre diversidade sexual e suas implicações para o trabalho de psicólogas da Atenção Básica participantes de uma oficina para qualificação profissional na cidade de Maringá/PR. Especificamente nós buscamos: a) construir sentidos com psicólogas que atuam na Atenção Básica à Saúde sobre diversidade sexual e sobre a sua atuação profissional com Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; e b) analisar como o modelo de oficina proposto pode ser útil para qualificar o trabalho em Psicologia.

Para isso, em parceria com a Secretaria de Saúde de Maringá, enviamos convite a 42 profissionais de psicologia que trabalham em equipes de Unidades Básicas de Saúde (UBS) e de Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) para participarem de uma oficina de capacitação sobre saúde LGBT oferecendo 12 vagas. A oficina foi proposta em dois encontros de aproximadamente 3 horas e 30 minutos, com o intervalo de uma semana.

Participaram da pesquisa as primeiras 12 psicólogas que se inscreveram, configurando um grupo de pessoas interessadas em falar sobre a temática. Elas tinham de 1 a 25 anos de formação e de 6 meses a 19 anos de experiência na saúde. Nos encontros nós disparamos diálogos sobre três tópicos: a) sentidos sobre a população LGBT; b) recursos e desafios profissionais no atendimento em saúde de LGBT; e c) possibilidades de atuação com LGBT a partir de casos e a partir da política nacional de saúde e outros documentos do Ministério da Saúde. Os encontros foram gravados em áudio e posteriormente transcritos. Os nomes das participantes foram substituídos por cores no intuito de preservar o anonimato.

Para a realização da pesquisa e construção da oficina nós tomamos como norte as contribuições do Construcionismo Social, uma perspectiva crítica em Psicologia. Esta perspectiva nos convida a reflexão sobre os efeitos do

Realização:



Apoio:





conhecimento científico no mundo social e, conseqüentemente, a um posicionamento comprometido ética e politicamente com os direitos humanos. Nesta pesquisa, contextualizada nas políticas de saúde do Brasil, o convite se dá também ao compromisso com o Sistema Único de Saúde (SUS) e seus princípios.

Partindo do pressuposto que não existe uma realidade única, a ser descoberta, e sim múltiplas realidades construídas nos contextos linguísticos (Souza, 2014; Raserá; Japur, 2005), entendemos que o modo como conhecemos e descrevemos o mundo implica em nossas ações (Raserá; Japur, 2005; Gergen; Gergen, 2010). Ou seja, o modo como entendemos a diversidade sexual implica em como recebemos as pessoas e suas vivências sexuais diferentes da heteronormativa nos contextos de saúde.

Para as análises nós emprestamos da Poética Social de Shotter (1998 apud Raserá; Guanaes, 2010) a noção de Momentos Marcantes. Em contextos de pesquisa, são momentos que capturam a atenção de pesquisadoras e pesquisadores de acordo com os objetivos de pesquisa, momentos que ilustram a construção de sentidos. Foram recortados 30 momentos marcantes das transcrições e nós construímos múltiplos sentidos sobre diversidade sexual, sobre o trabalho com a população LGBT e sobre a oficina (Raserá; Guanaes, 2010).

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Na leitura do *corpus* de pesquisa nós dialogamos com ideias mais tradicionais e outras mais contemporâneas, acionando diferentes saberes que emergem de campos como da Biomedicina, Psicologia, Sociologia e dos Movimentos Sociais de militância.

A multiplicidade de sentidos e formas de falar da diversidade sexual configuram o que chamamos de polivocalidade e de polifonia. Ou seja, a multiplicidade de vozes e a diversidade de sentidos sobre a população LGBT. Nós não temos entendimentos homogêneos sobre a temática. Na pesquisa nos deparamos com o acionamento de saberes e discursos depreciativos, patologizantes e hierarquizantes, que posicionam a heterossexualidade como superior e melhor que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação





a homossexualidade, mesclados com falas apreciativas e implicadas ética e politicamente com a garantia de direitos.

Identificamos alguns discursos científicos e não científicos que embasam a construção de sentidos, como o culturalismo e valorização das diferenças da Sociologia; o essencialismo, o biologismo, a patologização e busca de cura da Biomedicina e também da Psicologia; noções tradicionais de subjetividade, indivíduo e identidade, outras noções mais contemporâneas de pluralidade da Psicologia; e problematizações e questionamentos mais presentes nos movimentos sociais.

Ao conversarmos sobre os atendimentos da população LGBT, as profissionais falam da atuação como algo novo, delicado, algo que desconcerta (principalmente quando é relacionado a crianças). Elas se colocam num lugar de 'limitadas', com um conhecimento limitado, e é isso também que torna difícil a atuação. Elas relatam que são procuradas para corrigir pessoas e é difícil e delicado trabalhar contra as expectativas e solicitações.

Ao se referirem à oficina, as participantes falam de reflexão, de sensibilização para a temática. Elas falam sobre 'limpar nossos óculos' para olhar para o público LGBT. Nós produzimos um espaço de construção e reconstrução de sentidos em conjunto.

PSICOLOGIA E ALGUNS REARRANJOS DA PROFISSÃO

Nós notamos coexistindo nas falas das participantes tanto sentidos 'favoráveis', quanto sentidos 'desfavoráveis' ao trabalho não discriminatório. Conhecemos algumas preocupações e impasses para o trabalho e também algumas possibilidades para um trabalho eticamente pautado, como o pouco conhecimento das questões vividas pela população LGBT e a falta de preparo da Rede para receber a diversidade.

Ao falarmos sobre os trabalhos que as participantes desenvolvem, pensamos que nós, profissionais de psicologia, nos deparamos com um constante rearranjo da conjuntura social e isso exige formação continuada e educação permanente nas equipes de saúde, no intuito de buscar a reinvenção das práticas psicológicas e das demais profissões, sempre alinhadas aos direitos humanos e ao lado dos grupos

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





sociais marginalizados. Os diferentes discursos vigentes sobre diversidade sexual convidam-nos a diferentes práticas profissionais, por isso a importância do posicionamento ético-político.

O cenário da pesquisa nos permite apontar a permeabilidade da psicologia e considerá-la uma ciência múltipla e em transformação. Temos uma ciência permeável aquilo que emerge do social. As transformações não ocorrem rapidamente, é um processo, mas as discussões e o acionamento do discurso de despatologização são um indicativo de como as lutas dos movimentos de militância LGBT têm produzido efeitos na ciência e no sistema de saúde brasileiro.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



REFERÊNCIAS

- BOCK, A. M. B. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 4, n. 2, p. 315–329, 1999.
- BORGES, L. S. Feminismos , teoria queer e psicologia social crítica : (re) contando histórias ... **Psicologia e sociedade**, v. 26, n. 2, p. 280–289, 2014.
- BRASIL. **Políticas de Formação e Desenvolvimento para o SUS: Caminhos para educação permanente em saúde** Brasília, DF Ministério da Saúde, , 2003.
Disponível em:
<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pol_formacao_desenv.pdf>
- BRASIL. **Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais - LGBT** Brasília Ministério da Saúde, , 2013.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 001/99 de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual** Brasília, DF, 1999.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GERGEN, K. J. .; GERGEN, M. **Construcionismo Social: Um convite ao Diálogo**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.
- GIMENES, A. P.; VIEIRA, T. R. Homoafetividade: de Sodoma ao STF. In: **Minorias sexuais: direitos e preconceitos**. Brasília, DF: Consulex, 2012. p. 141–164.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade : pedagogias contemporâneas. v. 2, n. 56, p. 17–23, 2008.
- MOSCHETA, M. DOS S. **Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência à saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestir e transexuais**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2011.
- RASERA, E. F.; GUANAES, C. Momentos Marcantes na Construção da Mudança em Terapia Familiar 1 Arresting Moments in the Construction of Change in Family Therapy. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 315–322, 2010.
- RASERA, E. F.; JAPUR, M. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 15, n. 30, p. 21–29, 2005.
- SOUZA, L. V. Discurso construcionista social: uma apresentação possível. In: GUANAES-LORENZI, C. et al. (Eds.). . **Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2014.
- TEIXEIRA FILHO, F. S. Homofobia e sua relação com as práticas “psi”. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (Ed.). . **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. São Paulo, SP: CRPSP, 2011. p. 33–40.

Realização:

Apoio:





VECCHIATTI, P. R. I. Minorias sexuais e ações afirmativas. In: VIEIRA, T. R. (Ed.). . **Minorias sexuais: direitos e preconceitos**. Brasília, DF: Consulex, 2012. p. 29–54.

ABSTRACT

Psychology has historically constructed its practices in a normative, classist and elitist way, contributing to the pathologization of sexual and gender diversity. More contemporaneously we have followed the insertion of Psychology into other contexts of action, among them the Public Policies, and using other discourses, such as the discourse of struggle for rights and depathologization of dissident sexualities. The profession is not homogeneous and the current scenario demands from professionals an ethical-political position. Considering this context, this research aimed at analyzing meanings constructed by psychologists at primary health care in Maringá/PR/Brazil about sexual diversity and its implication to professional practice with LGBT people. Twelve psychologists participated in a workshop for professional qualification for working with LGBT clients, offered in two group meetings in 2016. The analysis highlights the multiplicity of meanings that permeate the field of production of care in Psychology, originating from different fields of knowledge. The different understandings reverberate in practices sometimes conservative and sometimes despatologizing.

Keywords: Sexual diversity; Psychology, Social Construcionism, public health, basic health care.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

